

necessitando de tratamento? Aponta-se uma ambivalência de sentimentos, impotência em mudar esta dura realidade que demandará assistência desgastante e contínua tanto de ordem profissional, financeira, emocional e social. Os desafios serão diários, restringindo muito dos compromissos familiares. Nas famílias com mais de um filho, muitas vezes a mãe acaba abdicando dos cuidados com outros filhos em prol daquele que precisa de um tratamento contínuo. O que muitas vezes acirra as rivalidades entre irmãos. Por outro lado, presenciamos com frequência a pessoa centrar sua vida na doença. Apresentando desinteresse pelas atividades da vida, tais como estudo e/ou trabalho. Sua vida gravita em torno da doença. O que pode provocar a redução do campo de relacionamento e um retraimento sobre si mesmo. Frequentemente os pacientes e seus familiares relatam escutar que as pessoas com doenças crônicas não vivem muito, “não vingam”. Tais previsões tão amplamente divulgadas só contribuem para desestimular os projetos de vida. O pensamento é mais ou menos o seguinte: “(...) para quê estudar e trabalhar se não vou viver muito!”. Quando se é acometido por uma doença somos colocados em contato com as duas maiores incertezas da vida: o sofrimento da doença e do morrer. Na medida em que o adoecer nos afasta da condição de saúde e segurança, aproxima-nos diretamente de uma condição de finitude e vulnerabilidade. O adoecimento é vivido, então, como um verdadeiro “golpe do destino” e sinaliza a possibilidade de, prematuramente, romper ou nos separar do real. É preciso então, que os profissionais de saúde ligados ao sujeito que padece de algum mal, estejam atentos para cuidar com dignidade, que implica para além de um sofrimento físico, mas para um verdadeiro sentimento de desamparo que inunda o paciente.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2023.09.1650>

PROPOSTA DE ROTEIRO DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA PARA ADOLESCENTES COM HEMOFILIA

GA Cunha, AMC Rocha, LC Rodrigues,
AM Araújo

*Centro de Hemoterapia e Hematologia do Estado do
Pará (Fundação HEMOPA), Belém, PA, Brasil*

Introdução: A hemofilia é uma coagulopatia hemorrágica, hereditária e crônica, caracterizada pela deficiência dos fatores plasmáticos VIII ou IX. Clinicamente os pacientes apresentam hemartroses, hematomas e sangramentos espontâneos. O protocolo de tratamento segue diretrizes nacionais e internacionais para sua identificação e assistência. O diagnóstico precoce auxilia na adequada condução do tratamento, através da profilaxia e acompanhamento multiprofissional, o que favorece a qualidade de vida. A avaliação e acompanhamento da família em casos de diagnóstico precoce está bem estabelecido e sistematizado na literatura, o mesmo não acontece para a avaliação e acompanhamento de adolescentes com hemofilia. Ao mesmo tempo, sabe-se do potencial da doença de favorecer o prejuízo na qualidade de vida e o surgimento de comorbidades ou mesmo sintomas psicopatológicos, principalmente nessa fase do desenvolvimento. Por conta disso, julga-se necessário

adaptar os protocolos existentes de avaliação psicológica com pacientes hemofílicos para a adequada abrangência das características singulares da vivência de adolescentes hemofílicos.

Objetivos: O objetivo deste trabalho é propor um roteiro de avaliação psicológica para adolescentes hemofílicos. **Método:** Trata-se da construção de um produto baseado no relato de experiência da rotina assistencial do serviço de psicologia em ambulatório de hematologia e no conhecimento atual presente na literatura. **Resultados:** A especificidade das demandas na adolescência exigiu uma avaliação que utilizasse perguntas abertas em larga escala e que facilitassem respostas sobre si. O acesso ao roteiro completo para atendimento de adolescentes hemofílicos baseado no MSC pode ser visualizado através do QRcode fixado ao final do trabalho. **Discussão:** A adesão ao tratamento de adolescentes com doenças crônicas depende em grande parte da resolutividade de conflitos emocionais inerentes a esta fase e potencializados pelo contato com a doença. Considerando a primazia de aspectos afetivos/cognitivos em relação a doença nesta fase, sugerimos a contribuição do Modelo do Senso Comum (MSC). Este modelo é formado por sete categorias que compõem o esquema cognitivo para entendimento de fatores que influenciam comportamentos em saúde. São elas, segundo Leventhal et al.: 1) identidade da doença: seus sintomas; 2) duração da doença: cíclica, aguda ou crônica; 3) causas da doença: o que a pessoa crê que ocasionou seu surgimento; 4) consequências da doença: reais ou imaginários; 5) controle pessoal da doença: aquilo que ele próprio pode fazer para ajudar no controle e/ou cura da sua doença; 6) controle do tratamento: o quanto a pessoa crê no tratamento; 7) coerência: o quanto o indivíduo entende sua doença; 8) representação emocional da doença: impacto emocional que a doença pode trazer ao paciente. Altenhofen, Lima e Castro destacam a contribuição desta teoria para avaliação do entendimento e compreensão de pacientes portadores de doenças crônicas. Assim, pode ser aplicada ao contexto da hemofilia e contribuir na avaliação psicológica de adolescentes pois destaca percepção atual deste em relação à doença. **Conclusão:** Considerando que a adolescência é uma fase que possui demandas bastante específicas, o adolescente com hemofilia precisa de uma forma de avaliação adaptada que contemple as suas necessidades. É preciso conhecer o paciente e entender como ele se relaciona com sua doença. Por fim, conclui-se que neste momento, a psicologia ainda não tem respondido de maneira satisfatória às demandas que o atendimento a estes pacientes. Espera-se que a proposta aqui descrita contribua como um fator de incentivo para o aprofundamento no tema.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2023.09.1651>

AS MAIORES CAUSAS DE SOFRIMENTO PSÍQUICO NA SOCIEDADE CONTEMPÂNEA NO BRASIL

LT Silva

Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ, Brasil

Entende-se como sofrimento psíquico uma desordem emocional que pode ser progressiva. Podendo ser observada mais claramente em situações que envolvam perda, luto e

dificuldade profissional. A maioria das pessoas tendem a confundir o sofrimento mental com os transtornos psiquiátricos. O sofrimento mental comum, como o problema é conhecido na área da psiquiatria, trata de sensações como ansiedade, tristeza e somatizações que não chegam a configurar um transtorno mental. Algumas emoções podem desencadear desequilíbrios químicos no organismo sendo principalmente a tristeza e a frustração, podendo causar sérios transtornos mentais, como a ansiedade generalizada e a depressão. Através de uma revisão bibliográfica analisamos os transtornos mentais e suas principais causas na sociedade atual. Os estudos sobre o sofrimento psíquico estão se ampliando na área de saúde mental e têm fornecido um rico subsídio à compreensão de processos geradores de adoecimento psíquico no trabalho e na vida em diferentes situações. Uma característica importante desse campo de estudos da relação entre saúde mental e trabalho é a heterogeneidade. Para compreensão de formas particulares de sofrimento e adoecimento, como o sofrimento psíquico, é fundamental a compreensão da produção social das dimensões biológica e psíquica humanas. Discutiu-se neste trabalho como as características gerais do modo de vida e fatos do cotidiano podem afetar a subjetividade misturando-se com emoções e sentimentos relacionados com processos de sofrimento e de adoecimento psíquico. Ficar triste, as vezes, é normal mas permanecer triste não é. A permanência e progressão de emoções como tristeza e nervosismo é característica de um quadro de sofrimento mental comum. A maioria delas, por questões morais, não buscam ajuda, o que pode ser considerado um grande equívoco. A manutenção do estado de tristeza pode desencadear depressão. Assim como a conservação do estado de ansiedade pode ocasionar crises de pânico.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2023.09.1652>

DEPENDÊNCIA EMOCIONAL NAS RELAÇÕES CONJUGAIS

LT Silva

Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ, Brasil

A dependência emocional é entendida como um mecanismo de relacionamento ao qual o indivíduo necessita do outro para manter seu equilíbrio emocional. Ela é caracterizada por um transtorno composto por comportamentos aditivos em relacionamentos amorosos. Entretanto, ainda há um debate se esta dependência seria considerada uma patologia, como denominá-la e quais sintomas a definiriam. Dessa forma, o presente trabalho teve por objetivo conscientizar e investigar as contribuições da Psicologia a partir do estudo das relações conjugais, estabelecidas por dependência. Quando falamos em um trabalho que traz uma reflexão a respeito da dependência emocional, é interessante fazer uma breve introdução do amor romântico, visto que os temas podem ter relação. O amor romântico é idealizado por muitas pessoas em seus relacionamentos, o que nem sempre pode ser considerado um problema. Elaboramos uma ação no Centro Especializado de Atendimento a Mulher de Vassouras onde podemos contar com as integrantes do grupo, a professora da disciplina

Larissa Bernardino, professora palestrante Brenda Soares, equipe de profissionais do Centro Especializado de Atendimento a Mulher de Vassouras e algumas assistidas do programa. No dia 15 de maio, realizamos a execução do trabalho que consistiu em uma roda de conversa com palestra sobre o tema, com a psicóloga e docente Brenda Soares, demos início ao tema com uma dinâmica em grupo “Amigo secreto das cores”, com todas as pessoas presentes. Após esta dinâmica, ocorreu uma palestra e a roda de conversa. Tivemos a participação das mulheres assistidas pelo programa Centro Especializado de Atendimento a Mulher de Vassouras onde puderam interagir e compartilhar suas experiências sofridas nas relações de dependência, sendo muito gratificante. A mesma nos trouxe a reflexão que, para identificarmos se estamos nessa situação, devemos nos perguntar se sabemos o que estamos fazendo naquela relação, o nosso papel, nosso espaço e quem somos. Alcançamos o objetivo do projeto, visto que durante a palestra tivemos relatos de mulheres e das dificuldades e sofrimentos pelo qual estavam passando ou que tinham passado, tivemos a oportunidade de levar um pouco de informações às assistidas pelo programa do Centro Especializado de Atendimento a Mulher de Vassouras. Tivemos ainda a possibilidade de trocar informações e experiências de vida assim como aprender um pouco mais sobre o tema com a psicóloga Brenda Soares que fez uma ilustre apresentação.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2023.09.1653>

COMPARTILHEMOS EXPERIÊNCIAS: PSICOLOGIA – ENCONTRO DE PSICÓLOGAS (OS) DAS EQUIPES DE REFERÊNCIA NO ACOMPANHAMENTO ÀS PESSOAS COM HEMOFILIA DO BRASIL

PL Ramos

Instituto Estadual de Hematologia Arthur Siqueira Cavalcante (Hemorio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Objetivo: Relatar o encontro CompartilHEMOS Experiências – Psicologia e apresentar os principais temas debatidos a partir das práticas de cuidado aos aspectos psicológicos relacionados às pessoas com hemofilia e suas famílias (PcH) no Brasil atualmente. **Materiais e métodos:** Trata-se de um relato de experiência do simpósio CompartilHEMOS Experiências – Psicologia que foi um encontro das psicólogas(os) que integram as equipes de referência no cuidado às PcH de nove centros tratadores de hemofilia de todas as regiões do Brasil. Aconteceu em março de 2023 visando refletir sobre os aspectos psicológicos ligados ao tratamento das PcH no Brasil hoje. Houve a discussão de quatro situações clínicas trazidas pelos participantes e duas aulas. Foram convidados todos os psicólogos das equipes de referência em coagulação do país. O evento foi uma iniciativa do Hemorio em parceria com o HEMOCE e contou com o apoio da Roche. **Resultados:** As aulas ministradas foram “Aspectos psicológicos do tratamento da hemofilia no Brasil” (Frederica Cassis) e “O adoecimento crônico: a perspectiva da Psicologia” (Dra. Martha Cristina Nunes Moreira) e foram seguidos pela discussão das seguintes situações